A narrativa de Luzilá Gonçalves Ferreira e Isabel Allende: por entre testemunho e experiência de exílio

Lopes, Maria Suely de Oliveira / UESPI/UFPI/UBA/ suelopes152@hotmail.com

[Escrituras del yo como forma del ensayo, Autobiografia, autoficción, cartas, diários, testimonios en textos latino-americanos**.**

-Tipo de trabalho: apresentação oral

Palavras chaves: Narrativas Literárias-Testemunho- Exílio-Ferreira-Alliende.

* Resumo

O presente trabalho tem com objetivo analisar as narrativas Voltar a Palermo (2002 ) de Luzilá Gonçalves Ferreira através da escrita testemunhal que será auxiliada pela metaficção historiográfica e Mi Pais Inventado (2003) de Isabel Allende por meio da experiência de exílio. A narrativa de Luzilá aborda as memórias de uma professora brasileira que viveu na Argentina e por um período e testemunhou rastros da ditadura através da personagem Maria. Estando no Brasil , sente necessidade de Voltar a Palermo, um pequeno bairro de Buenos Aires, onde viveu 20 anos sofrendo as agruras da ditadura militar. Em meio aos relatos que fluem de suas lembranças, conta o motivo que a fez voltar, suas esperanças e a vontade de reviver o amor que ali abandonou. Isabel Allende em sua narrativa conduz a trama em primeira pessoa, a narradora se identifica com a personagem que a representa; sugere uma retrospectiva de sua própria vida, contextualizando fatos políticos que envolveram sua família, tendo se exilado no Chile, após a queda de Salvador Allende. As duas obras saõ analisadas pelo viés histórico. As narrativas, em estudo, trazem a ditadura com ponto de discussão, sendo que, além desta temática, Ferreira problematiza a teoria do testemunho e Allende, mais a frente desta teoria, poe em querela a experiência de exílio. Podemos concluir que as personagens, o ambiente histórico e político são ressemantizados partir da história oficial.trazendo a tona questão do exílio e do trauma.Utilizamos como marco teórico os seguintes nomes: Colling(2012) ,Viana(1995), Hutcheon(1991), Salgueiro(2011),entre outros que poderão ser citados ao longo do trabalho.

* Introdução

*A possibilidade de estudar as obras Voltar a Palermo (2002) e Meu País Inventado na perspectiva histórica nos faz lembrar* Walter Benjamin (1974), com a sua concepção do historiador como um *chiffonier*, que também abriu a historiografia para o discurso testemunhal, apesar de ter utilizado pouco este conceito. Há uma frase famosa das suas teses *Sobre o conceito da história* (Benjamin, 1974), não deixa suspeita quanto à sua forte proposta de leitura da história na sua face testemunhal. Refiro Refiro-me evidentemente à frase: “nunca existiu um documento da cultura que não fosse ao mesmo tempo um [documento] da barbárie” (BENJAMIN, 1974: 696; tradução de Seligmann- Silva, 2008, ).Pensar o testemunho é pensar na experiência do Exílio. A nossa pretensão com esse estudo é articular esses dois conceitos às obras de Ferreira e Alliende, pensando que embora o testemunho e o exílio seja um fenômeno coletivo para aqueles que o sofrem, é um matéria individual.

***Á propósito das autoras***

Luzilá Gonçalves Ferreira foi professora da Universidade Federal de Pernambuco, tendo realizado pesquisa de doutorado sobre Literatura Feminina no século XIX em Paris. É autora de **Ensaios sobre Fernando Pessoa** e criou romance, muito além do corpo, premiado na IV Bienal Nestlé de Literatura. Seu livro ***Os Rios Turvos*** ganhou o Prêmio Joaquim Nabuco de Biografias da Academia Brasileira de Letras (1993). É a primeira mulher a comandar o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP).

Com um trabalho engajado na história de Pernambuco e principalmente das mulheres, ela escreveu *Um Discurso Feminino Possível* (1992), sobre a Imprensa Feminina em Pernambuco no século XIX e *Suave Amazonas, Mulheres e Abolição* *no Nordeste* (1999). Dentre os romances históricos além de *Os Rios Turvos* (1993), destacam-se, *Voltar a Palermo* (2002) *A Garça Mal Ferida* (2002), *No Tempo Frágil das Horas* (2000). As obras citadas por último abordam as damas da aristocracia canavieira decadente em Pernambuco no século XIX. A primeira, objeto de análise neste trabalho, configura o contexto da ditadura militar no século XX.

Sobre Isabel Allende, dizemos que ela deixou o Chile dois anos depois da queda do presidente socialista Salvador Allende, passando vários anos na Venezuela e depois residindo definitivamente nos Estados Unidos após seu segundo casamento com um cidadão norte-americano. Na Venezuela, ao começar a escrever cartas para seu avô, tentando superar o sentimento de solidão, a então jornalista iniciou uma profícua carreira de escritora, que provavelmente não teria acontecido sem a experiência do exílio, como narra à autora. Para ela, “o Chile é o fim de todos os caminhos, uma lança ao sul do Sul da América, quatro mil e trezentos quilômetros de montanhas, vales, lagos, mar”(M.P.I.,p, 17,2003).Ao contar a história do Chile de maneira eloquente, evidencia o papel da mulher através de Inés Suárez ,o leitor pode suspeitar que a autora demonstra identificação com as mulheres pioneiras que fizeram o inicio da história do Chile, seu país(embora tenha nascido no Peru) onde construiu sua identidade até exilar-se na Venezuela após a queda de Salvador Allende. Em *Mi País Inventado* (2003), há um eu do passado que se diferencia do eu atual, já que o narrador não relata apenas o que aconteceu no passado, mas também o processo pelo qual o eu do passado se transformou no eu do presente.É recorrente em sua narrativa o tema da participação da autora na vida social do seu país.

Iniciamos a apresentação das obras em estudo, considerando a temática do testemunho e do exilio.

***Por entre testemunho e exílio: reflexões analíticas em torno de Voltar a Palermo e Meu País Inventado***

Seligmann–Silva (2003a) nos assevera que Literatura de testemunho nos últimos anos tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre a literatura e a “realidade”. O teórico explica que o “real”, testemunha-se , via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Mas o conceito se elastece e entendemos que o testemunha não é só aquele que viveu e presenciou o martírio, mas todos o podem ser. E o real é de todo uma cena ou acontecimento que provoca traumas nos indivíduos. Nas palavras do teórico “Pensar sobre a literatura de testemunho implica repensar a nossa visão da História – do fato histórico”. É pensar como algo que venha a ser o produto que vem depois do caos instalado. Ou seja, como afirma Georges Pirec (1995) “o indizível não está escondido na escrita, é aquilo que muito antes a desencadeou”. A questão problemática, especificamente, a ditadura é o motivo da escrita.

 A literatura de testemunho e exílio vem sendo analisada com o objetivo de registrar e investigar acontecimentos extremos: “qualquer fato histórico mais intenso permite – e exige! – o registro testemunhal tanto no sentido jurídico como também no sentido de ‘sobrevivente’” (SELIGMANN SILVA, 2003a, p.9). Conforme Fux (2013, p.13), os escritos e a literatura dos sobreviventes são permeados por diversas características presentes no testemunho primário: literalização, fragmentação, busca pelo ‘real’, historicidade e ficção. Já o discurso secundário alude aos filhos dos sobreviventes que nasceram depois da guerra, mas que foram fortemente assinalados por esse acontecimento devido à sua criação, possui ainda outras características: dificuldade de entendimento e relação com o sobrevivente, experimentação do silêncio em relação ao passado e carência afetiva.

 Ferreira e Allende enquadram-se de maneira similar nessa modalidade secundária por trazer em seus escritos os relatos da ditadura que ficaram armazenadas em suas memórias. De acordo com Seligmann-Silva (2000b, p.88) o testemunho parece ser composto por pequenas partes de memória que foram oprimidas pelas ocorrências que não tinham se assentado como compreensão ou lembrança, atos que não podem ser construídos como saber nem assimilados à plena cognição. Suleimen afirma que:

O testemunho é sempre necessariamente individual; mas se se refere a um trauma histórico coletivo, será também, necessariamente, mais do que a experiência de uma única pessoa. Enquanto ela representa (no sentido de representar, tornar visível) a perspectiva única daquele que diz “eu”, o testemunho em tal caso também representa no sentido de ser exemplar, de “representar”. A única testemunha, mesmo contando suas próprias experiências, representa todos aqueles que estavam em uma posição similar no mesmo tempo e lugar (SULEIMAN, 2006, p.134.Tradução nossa).

 A descrição acima inclui a narrativa tanto de Ferreira quanto de Alliende pelo fato das duas escritoras terem testemunhado a ditadura ; a primeira experenciou o evento da ditadura na Argentina, em Buenos Aires, a partir de sua escrita. Ferreira cria *Voltar a Palermo* (2002), abordando o caso de amor entre Maria e Nino e a história da ditadura militar na Argentina. A busca de um amor que não foi compreendido no passado alimenta a volta da professora Maria para Buenos Aires, vinte anos depois. O caminho que deve percorrer para encontrar Nino nos faz recobrar os amargos tempos das ditaduras militares sul- americanas. A obra repassa a angústia da personagem Maria por não ter engajado na luta desse evento ou a culpa por ter fugido dela. “[...] De volta a Buenos Aires, tantos anos depois eu redescobrira a verdade de meu poeta, Buenos Aires se inventava dos meus sonhos e eu era muito menos uma paisagem que um produto de imaginação, e era muito menos um rigoroso traçado de ruas num mapa e muito mais [...]”(FERREIRA,2002,p.14).

Segundo a autora Ferreira (2002), *Voltar a Palermo* (2002) teve inspiração no filho de um taxista que ela conheceu, e também na sua pessoa, o que confere a personagem Maria um pouco de sua experiência como professora e mulher mais vivida. A referida personagem, de acordo com Maciel (2011) representa figura feminina em uma época de opressão, e nesse contexto, recordamos o papel desempenhado por mulheres como argentinas e brasileiras, que se destacaram em posições de combate, comumente, atribuídas aos homens.

Da parte da Argentina citamos mulheres que se localizavam na linha de frente como, Alfonsina Storni[[1]](#footnote-1) e a guerrileira Juana Azurduy; da parte do Brasil, Clara Camarão, índia potiguar que comandou um exercito de mulheres na luta contra a expulsão dos holandeses em Porto Culvo e Dona Brites de Albuquerque, capitã que por anos governou a Capitania de Pernambuco, na ausência do marido. Essas informações podem ser constatadas a seguir:

A história da Argentina me chegara pouco pois pouco a pouco.E primeiro pelas mulheres que se celebravam em cantos, Alfonsina, Juana Azurduy, a que se batera e Jujuy como um valente, e que nenhum capitão igualava, e tantas outras;e em Borges e eu conhecera aquela que vira rolar um dia,pela janela aberta, a cabeça do marido que se fora a lutar,e que resistiria ao pranto como uma verdadeira patriota argentina. Eu recriava em imaginação aquelas mulheres fortes, que haviam contribuído para formar a nação, e as comprara a outro tanto de mulheres fortes que havíamos tido nós ,do outro lado do Rio de la Plata, e bem longe dele. E havia as que igualmente tinham batalhado ao lado dos homens, como Clara Camarão, ou que haviam sido governadoras, como a capitã Dona Brites.(FERREIRA,2002,p.18).

Um aspecto significativo para a literatura de testemunho é o caráter autobiográfico, característica primordial que evidencia que a história narrada é fictícia, entretanto baseada em uma história real, em que autor, personagem e narrador são identificados como um único ser. A narrativa em primeira pessoa da obra está abalizada na voz oculta do oprimido:

Se o testemunho apresenta a história de uma *perda*, o essencial não pode ser apresentado de modo direto; o testemunho é a apresentação de um desaparecimento e a sua leitura, a busca de traços que indiquem tal “falta originária”. Não há presença originária a ser re-presentada, mas falta, ausência, perda (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 20-21).

Na narrativa em estudo, Maria testemunha a desaparecimento de Nino; sua perda é testemunhada pela personagem Maria que o procura de forma incansável por noticias de seu amado. Essa ausência é a perda de uma personagem/real que desapareceu durante a ditadura[...] a qual pode representar outros mais de 300 brasileiros desparecidos durante os anos de opressão militar. “E o testemunho justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no “real‟ para apresentá-lo. Mesmo que para isso ele precise da literatura” (SELLIGMANN-SILVA, 2003, p. 375).

Feito essa abordagem sobre a narrativa de Ferreira, atentamo-nos para a obra *Meu País Inventado* (2003 de Allende).

Não muito diferente, a escritora chilena narra sua obra em primeira pessoa, portanto de natureza autobiográfica, uma vez que relata o que foi viver num pais longe de sua pátria por conta da ditadura militar.

A ditadura militar chilena teve inicio a partir do golpe militar concretizado no país, no dia 11 de setembro de 1973, contra o então presidente Salvador Allende. O novo regime, comandado pelo general Augusto Pinochet até 1990, caracterizou-se pela intensa repressão e censura e por causar a morte de mais de três mil pessoas, a tortura de aproximadamente 40 mil e o exílio de milhares de cidadãos chilenos.

*Meu Pais Inventado* é resultado da experiência do um passado conturbado, vivido por Alliend, tendo que se exilar na Venezuela por muitos anos.

Fora do Chile esperei durante anos que se reinstalasse a democracia para regressar, mas quando isso aconteceu não o fiz, porque estava casada com um norte-americano, a viver perto de São Francisco. Não voltei a residir no Chile, onde na verdade passei menos de metade da minha vida, embora o visite com frequência; mas para responder à pergunta daquele desconhecido sobre a nostalgia, devo limitar-me quase exclusivamente aos anos que lá vivi. E para o fazer devo ter como referência a minha família, porque pátria e tribo confundem-se na minha cabeça.( ALLIEND,2003,p.10).

Sabemos que as agitações ocasionadas pela Ditadura Militar Chilena geraram na população diversos traumas, principalmente naqueles que de alguma forma lutaram no Regime ou infelizmente foram perseguidos por outras razões. Na esfera política os militares exigiram à sociedade a deposição de vários políticos democraticamente eleitos e tiveram seus mandatos cassados, várias demissões de funcionários públicos, além da perseguição aos partidos políticos, os quais foram desfeitos e colocados na ilegalidade. Na esfera pessoal diversos indivíduos foram para a clandestinidade, muitas pessoas foram presas, torturadas, famílias perseguidas e separadas pela morte de algum ente querido, muitas e muitos levados para o exílio.

Conforme Callaça (2016,p.52), o exílio é o estar fora de casa, do seu país. É o ato de se remover forçada ou voluntariamente de seu país de origem. Do latim *exilium* significa desterro, degredo, banimento; exílio é ter que ir residir forçadamente em outro país (FERREIRA, 2004, p. 853), e envolve a expulsão ou o ato voluntário.O autor Luis Roniger traz várias conceituações sobre o exílio, mas destaca que a mais coesa seria a de um dicionário italiano, que diz o exílio como sendo ―‗[...] uma medida que as autoridades no poder forçam sobre um indivíduo, legal ou arbitrariamente, para distanciá-lo de sua pátria principalmente devido a razões políticas‖. (RONIGER apud BATTAGLIA, 2011, p.36)

A partir do exílio, a escrita de Alliende surge pela necessidade de escrever cartas para o seu avô. Em *Meu País Inventado* (2003), a autora vai utilizando artifícios típicos de relatos. Usa artifícios subjetivos presentes na memória que ocorre, de maneira especial, em narrativas do trauma e na história, isso significa assumir uma posição político-ideológica, pois tais memórias ainda são objeto de disputas, conflitos e lutas.

Venho do chamado Terceiro Mundo (qual é o segundo?) e tive de arranjar um marido para viver legalmente no primeiro; não tenho a mínima intenção de regressar ao subdesenvolvimento sem uma boa razão. Contudo, e muito a contragosto, deambulei por cinco continentes e ainda por cima coube me ser auto-exilada e imigrante. (ALLIENDE,2003,p.07)

Sendo assim, a memória em Alliende é intensa e sua narrativa se constrói com auxílio de elementos subjetivos, configurando o caráter de transformação. “Historicizar a memória é reconhecer que existem mudanças históricas nos sentidos do passado”. CALLAÇA (2016, p.06). Isso se explica porque o passado é na voz de Ferreira (2012, p.107) a história do tempo presente, é feita de moradas provisórias.

 A escrita de Alliende é marcada pelo trauma, pois essa característica consiste ser a subjetividade latente em Meu Pais Inventado (2003). O trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa. O trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal.” (SILIGMANN-SILVA, 2008 p.69). Podemos adequar o trecho retirado da obra à definição Siligmann-Silva: “Os testemunhos traumáticos carregam perplexidade e necessidade da fala. Segundo Silligmann-Silva (2003), e o sobrevivente sente a necessidade de escrever [...]”.

Observamos que Alliende nutre em sua escrita à dor provocada pelo trauma do exílio, pois as lacunas se abrem como feridas, em Meu País Inventado (2003). A autora consegue administrar a angústia de ter sido uma sobrevivente em meio a ditadura militar no Chile por ser membro da família de Salvador Alliende derrotado por Pinochet por longos anos. A escritora a em suas linhas nos dá uma visão do presente, mostrando que embora o trauma se perpetue, o indivíduo pode configurá-lo de modo a viver mais amenos.

* Considerações Finais

A duas abordagens analíticas feitas sobre as obras de Ferreira e Alliende nos oportuniza compreender suas escritas sob o viés do testemunho e do Exílio. Em Voltar a Palermo (2002), Ferreira relata a história da ditadura ocorrida na Argentina em 1976 e ainda o caso de amor entre Maria e Nino. A obra citada é baseada em memórias de uma época ofuscada pelo Regime Militar. Dentro desse contexto social, temos um romance que traz como espaço da cena narrativa a cidade de Buenos Aires com suas ruas e traçados paisagísticos.

A narrativa de Ferreira aborda as memórias de uma professora brasileira que viveu na Argentina e por um período testemunhou rastros da ditadura através da personagem Maria.

Observamos no decorrer da pesquisa que os textos memorialísticos apresentam-se como um contexto histórico que situam a obra no tempo da ditadura militar na Argentina, anotando problemas sociais e políticos do tempo lembrado. Em Meu País Inventado (2003), Allende conduz a trama em primeira pessoa, a narradora se identifica com a personagem que a representa; sugere uma retrospectiva de sua própria vida, contextualizando fatos políticos que envolveram sua família, tendo se exilado em 1973 na Venezuela, após a queda de Salvador Allende. Consideramos que as personagens, o ambiente histórico e político são ressignificados a partir da história oficial trazendo à baila a questão do exílio e do trauma.

Constatamos que reescrever o passado é ir além da necessidade histórica. A memória descrita de um passado histórico testemunhado e traumático requer, portanto, um sentido, vital para a existência do indivíduo, permitindo o redimensionamento de acontecimentos passados para o presente e atribuindo-lhes novos sentidos. Obras de cunho testemunhal como Voltar a Palermo (2002) e Mi Pais Inventado (2003) também podem ser considerados leituras de (des) memorias(Pertuzzati &Teixeira,2018), uma vez que tratadas vítimas da repressão, como se elas nunca tivessem existido, são personagens e pessoas silenciadas e esquecidas por aqueles que não querem enxergar a maneira trágica como os militantes políticos desapareceram de nossa sociedade.

* Bibliografía

ALLIEND, ll (2003). Meu País Inventado. Tradução de Mário Pontes.Rio de Janeiro.Bertrand Brail.

BENJAMIN, W. (1974). Gesammelte Schriften, v. 1. Frankfurt: Suhrkamp.

CALAÇA, V.M.P.(2016). Testemunhos da ditadura: a construção da memória no livro Memórias das mulheres do exílio / Vanessa Maria Pereira Calaça.

FERREIRA, L.G.(2002). Voltar a Palermo. Belo Horizonte: ed. Rocco.

FERREIRA, M.M.(2012). Demandas sociais e história do tempo presente. In. Tempo presente e usos do passado. Rio de Janeiro: FGC editora, 2012.

 FUX, J.(2012) W ou o testemunho da infância. In:letras de hoje. Harvard University/Universidade Estadual de Campinas – Massachusetts/Campinas – Estados Unidos da América/Brasil.

MACIEL, A.D.(2011). Autobiografia e Memória: uma comparação entre as obras de Historie de Ma Vie e Voltar a Palermo.Recide:O autor.

PERTUZZATI, B.Z.& Ana P.T.(2018). Literatura de Testemunho e Crítica Social: uma análise do romance k. – relato de uma busca, de Bernardo Kucinsk .In: Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI ISSN 1809-1636.Disponível em:<. https://periodicos.ufsm.br/index.php/LA – ISSN 1679-849X-> Acesso10/12/2018.

PEREC, G.(1995) W ou a memória da infância. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.

SELIGMANN-SILVA,M.(2000b). Catástrofe e representação: ensaios / Arthur Nestrovski, Márcio Seligmann-Siiva (orgs.). - São Paulo: Escuta.

SELIGMANN-SILVA.M.(2003a) História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora Unicamp, \_\_\_\_\_\_Literatura do Trauma.Disponível em,< http://www.dicta.com.br/a-literatura-do-trauma> .Acesso em:21/09/2018.

SELIGMANN-SILVA.M Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas.In: Psic. clin., rio de janeiro, vol.20, n.1, p.65 – 82, 2008<,http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05> Acesso em:21/09/2018.

 SULEIMAN, S.R.2006). Crises of memory and the Second World War. Cambridge: Harvard University Press.

RONIGER, L(2011). ―Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios‖. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). Caminhos Cruzados: 112 história e memória dos exilados latino-americanos no século XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p.31-64

1. Poeta argentina nascida em 1892 na Suíça é um dos ícones da literatura pós-moderna. Com uma infância difícil e carente e depois uma vida com doenças recorrentes, sua poesia está impregnada de luta, audácia, amor e uma reivindicação do gênero feminino. [↑](#footnote-ref-1)